



O LIBERTÁRIO E O CONSERVADOR: DOIS DISCURSOS POR UMA MESMA IGREJA

Fabiana Ferreira N. de Souza¹

INTRODUÇÃO

A Teologia da Libertação – corrente teológica que engloba diversas teorias cristãs, baseada na opção pelos pobres, contra a pobreza e pela sua libertação – influenciou as ações de muitos religiosos católicos e teve como ícone D. Hélder Câmara – Arcebispo de Olinda e Recife. Já que essa teologia era vista como contrária às expectativas da igreja católica oficial, D. José Cardoso Sobrinho foi ordenado em 1985 para pôr fim ao que considerava uma teologia de viés marxista que provoca o litígio entre ricos e pobres e tira proveito político com o caos estabelecido na sociedade. Diante dessas duas correntes, dentro da mesma formação discursiva – a religiosa – observa-se, neste trabalho, como ocorre a materialização do discurso de ambas a fim de que se “interincompreendam” mutuamente. Conquanto fique claro estarmos diante do discurso religioso como matriz reguladora do que se pode e deve dizer e também do que não se pode e não se deve dizer, fica latente que a posição-sujeito assumida nos dois discursos é diferente uma da outra.

Na composição do corpus de análise neste artigo – foram utilizadas sequências discursivas de um decreto da Santa Sé determinando o fechamento de dois Seminários: Serene II e ITER. Nesse decreto, ele demonstra que veio realmente para se contrapor ao que os teólogos progressistas entendiam como igreja e imprimir uma nova/velha face à igreja católica, ou seja, fazer com que a Arquidiocese de Olinda e Recife refletisse o caráter da igreja católica oficial. Além de fragmentos de cartas enviadas pela Cúria Metropolitana em resposta à Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife. Será também utilizada uma matéria intitulada “Conflito na Igreja do Recife” extraída da Revista Carta à Família, nº 61 de 1989. Essa revista se afina com os pensamentos da Teologia da Libertação e defende o não fechamento dos seminários Serene II e ITER, que também difundiam as ideias de uma igreja engajada.

UM POUCO DA TEORIA...

A Análise do Discurso, que teve sua origem na França, entre 1968 e 1970, a partir das indagações de Jean Dubois, lexicólogo e linguista; e de Michel Pêcheux – filósofo, preocupado com epistemologia, ideologia e marxismo – consolidou-se como uma disciplina de entremeio que rompeu epistemologicamente com o estruturalismo saussureano. A obra “Por uma análise automática do discurso”, que apresenta as primeiras reflexões de Pêcheux sobre AD, mostra, de uma forma metódica e introdutória, suas propostas metodológicas de análise. Dentre os conceitos apresentados nesta obra, podemos destacar dois: o de **Processo de produção** como conjunto de mecanismos formais, que produzem um determinado discurso em circunstâncias específicas; e o de **Condições**

¹ Mestranda em Letras – Universidade Federal de Pernambuco



de Produção que são responsáveis pela constituição das relações de força dentro do discurso. Podem referir-se não só às condições imediatas relacionadas à situação na qual o enunciado foi realizado, mas também ao contexto sócio-histórico-ideológico.

Um dos elementos estruturais das condições de produção do discurso são as **Formações Imaginárias** que “designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.” (Pêcheux, 2010). Ao serem observados esses jogos de imagens dos sujeitos entre si e dos lugares que ocupam na formação social, conclui-se que não está em jogo o indivíduo e sim as imagens que resultam das projeções feitas sobre esses lugares.

Numa segunda fase (1975), M. Pêcheux traz à tona uma discussão fundamental para a compreensão do conceito de condições de produção: a **forma-sujeito do discurso** – ao ser interpelado pela ideologia, o indivíduo se constitui como o sujeito de seu discurso e isso ocorre por sua identificação com a formação discursiva que o domina. Pêcheux (2009) a define dizendo: “Chamaremos então **formação discursiva** aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*.” Já a Formação Ideológica é definida pelo autor como sendo as posições sustentadas por sujeitos em determinadas situações; é um conjunto complexo de atitudes e de representações que se relacionam às posições de classe adversativamente. Por não conceber as Formações Discursivas como fechadas, Pêcheux levanta a possibilidade de haver **posições-sujeito do discurso**, que se definem a partir de diferentes modalidades de identificação com a forma-sujeito, produzindo uma unicidade imaginária do sujeito – ou ainda uma contraposição à forma-sujeito que orienta os saberes da FD.

Vê-se, então, a partir dessa sucessão de conceitos, que o sujeito, na ótica de Pêcheux, é assujeitado, sob a aparência da autonomia, pelo interdiscurso, que compreende o conjunto das formações discursivas. É por esse motivo que se evidencia uma teoria não subjetiva da subjetividade: o sujeito não está na origem do dizer já que é duplamente afetado quando se reconhece que ele é dotado de inconsciente e interpelado pela ideologia.

Em suma, Pêcheux (1990) afirma: “Todo enunciado, toda sequência de enunciado é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. Ele é sempre suscetível de tornar-se outro.” É nessa possibilidade de haver o “outro enunciado” que haverá o lugar da interpretação, onde se perceberá a presença da ideologia, a manifestação do inconsciente e a constituição do sujeito discursivo na produção de sentido.

É sobre esses pilares que se constituirão as análises de nossas sequências discursivas extraídas do exemplar nº 61 de outubro de 1989 da revista Carta à Família dos religiosos de São Vicente de Paulo. Esta revista representa bem a feição da Teologia da Libertação em defesa dos direitos dos menos favorecidos, incentivando-os a se organizarem em comunidades.



AS ANÁLISES

As seqüências discursivas retiradas de textos escritos que representam duas concepções religiosas, já apresentadas, mostram muito da feição de cada vertente dentro da mesma igreja. As condições de produção nas quais os discursos se materializaram e a conseqüente tomada de posição pelos sujeitos desses discursos serão analisadas a fim de que venham à tona as marcas que evidenciam estarem os sujeitos tomando posições diferentes dentro da formação discursiva religiosa. Deverá ser explicitado, por meio de Sequências Discursivas, o que for mais relevante, no entanto serão usados fragmentos dos textos que compõem o corpus, no interior do texto quando se fizer necessário.

SD 1

O Arcebispo **conta com o apoio total do Papa e da Sé apostólica** e recebeu recentemente, **em nota oficial**, a expressão de solidariedade da Assembleia dos Bispos do Regional Nordeste II. (*Declaração da Cúria Metropolitana*)

SD 2

“O Serene II **não corresponde à noção de Seminário Maior e não oferece as condições mínimas para a formação sacerdotal**, e o ITER não oferece uma formação intelectual adequada aos futuros sacerdotes, tanto do clero diocesano como do clero religioso”.

Pedimos ao arcebispo de Olinda e Recife, na sua qualidade de ordinário da Arquidiocese em que o Serene II e o Iter têm sua sede e como Presidente da Conferência Episcopal Regional, **se digne a vigiar pela pronta execução dessa medida**. Com a presente, solicitamos Vossa Excelência a prestar a vossa colaboração. (*Decreto da Santa Sé determinando o Fechamento do Serene II e do Iter*)

Essas seqüências discursivas foram retiradas de uma carta enviada à Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife pela Cúria Metropolitana, representada, neste momento, pelo Arcebispo de Olinda e Recife, Dom José Cardoso Sobrinho. Este acabara de assumir suas funções episcopais, todavia muitos órgãos dentro da administração da Arquidiocese ainda eram compostos por pessoas vinculadas a uma filosofia de trabalho que se colocavam a serviço dos pobres em nome de sua organização sócio-político-religiosa. Oficialmente, tanto o autor da carta quanto seus destinatários estão inseridos em uma mesma arquidiocese, reivindicam para si a representação do discurso religioso, todavia entendem o ser igreja de forma diferente: D. José Cardosos veio (em sua ótica) para “reestruturar” a Arquidiocese, e afirma ter, para tanto, o total apoio da Santa Sé e do Papa: busca neles a alteridade fundamental para realizar a obra para a qual se propôs. “O Arcebispo **conta com o apoio total do Papa e da Sé apostólica** e recebeu recentemente, **em nota oficial...**” O que fica silenciado neste fragmento é que suas obras desmontam a estrutura que já existia, já que seus antecessores representavam os ideais da Teologia da Libertação. Infere-se, a partir da materialidade



linguística na SD 1, que esse é um discurso de justificação que demonstra que, como ele é representante do Papa, tudo o que fizer será aprovado pelo santo padre, mas é inquietante que o Bispo sinta a necessidade de justificar-se; o que mostra que suas atitudes estão causando algum tipo de desconforto.

Na SD 2, é anunciado, por um decreto da Santa Sé, que os símbolos da gestão episcopal anterior – de Dom Hélder Câmara – serão fechados: O Serene II e o ITER. Nessa SD, percebe-se a ocorrência da identificação da posição-sujeito com a forma-sujeito da Formação Discursiva na qual está inserido. Percebe-se essa plena identificação a partir da desidentificação com o que já estava posto. A sequência de advérbios de negação seguidos de verbos comprova essa desidentificação: “**O Serene II não corresponde... e não oferece... o ITER não oferece**”. Se os seminários não servem, os seminaristas, conseqüentemente, também não representam um ideal de religiosos que venham a enquadrar-se na nova/velha maneira de ser igreja. Isso se constata na sequência: “**Os atuais seminaristas do serene II deverão passar por um novo processo de discernimento vocacional e, verificada a sua sincera aceitação da identidade do sacerdote, proposta pelo magistério da igreja, e do regime do Seminário Maior, poderão talvez ser acolhidos, de acordo com o arcebispo de Olinda e Recife, no seu Seminário Maior arquidiocesano ou nalgum outro Seminário Maior.**” Se está posto que os seminaristas passarão por um novo processo de discernimento, o adjetivo **novo** evidencia que eles já passaram por um anterior. Aí se explicita o desdobramento do sujeito da TL com a forma-sujeito da FD, por meio de um silenciamento no discurso dos conservadores – o antigo processo de discernimento não cumpriu com as expectativas dessa nova gestão. Na sequência, vê-se que, mesmo sem a conjunção condicional, impõe-se uma condição aos seminaristas para que continuem com seus ideais sacerdotais: 1. Eles não têm que demonstrar uma sincera vocação, a vocação tem que ser verificada pelo magistério da igreja. O que leva à conclusão de inversão entre os papéis de agente e paciente: os seminaristas deixam de ser agentes – condição fundamental para o engajamento na TL – e passam a ser pacientes, dependentes da concessão da nova orientação para que talvez venham a ser acolhidos pelo seminário do novo arcebispo.

Já a revista Carta à Família, de caráter libertário, inserida numa concepção engajada da igreja católica, ao trazer a matéria intitulada “**Conflito na Igreja do Recife**”, posiciona-se contra as atitudes do então Arcebispo de Olinda e Recife – D. José Cardoso Sobrinho – principalmente no tocante ao fechamento do Iter e serene II.

É interessante, inicialmente, observar o jogo de imagens instaurado nesse discurso, pois, pelo fato de o autor do texto iniciá-lo com uma citação adversária, dá-se visibilidade à imagem que os conservadores fazem dos seguidores da TL.

SD 3

No dia 12 de agosto último, o arcebispo de Olinda e Recife recebia da Congregação dos Seminários e Institutos de Estudo uma carta pessoal pedindo que se tomassem as providências para o fechamento dos Seminários Serene II e ITER: “O Serene II não



corresponde à noção de Seminário Maior e não oferece as condições mínimas para a formação sacerdotal, e o ITER não oferece uma formação intelectual adequada aos futuros sacerdotes, tanto do clero diocesano como do clero religioso”.

SD 4

Os seminários do Nordeste II, Serene II e ITER se dirigem hoje a mais de 500 jovens que estudam nos cursos acadêmicos e outros cursos de formação cristã. A medida é muito séria e de muito alcance. **Todos sabem das tentativas de diálogo em Recife**, as movimentações organizadas no sentido de sensibilizar a opinião pública e talvez um modo de encontrar caminhos de diálogo dentro da igreja de Recife, em Roma etc. **No entanto parece que não foi possível chegar a um acordo.**

Na transcrição do trecho da carta, fica latente que, na ótica dos conservadores, os seminários a serem fechados – dirigidos por uma filosofia engajada – não têm capacidade formadora do clero. Então, o não dito remete-se a tipo clero que eles desejam para dar continuidade aos ideais da igreja católica: um clero não “contaminado” com a filosofia da TL.

Todavia, o que chama a atenção é a motivação dessa transcrição por parte da revista, que defende a TL. A transcrição foi feita para que se prove que ela própria se trai, usando dados que não condizem com a verdade, em que trecho isso acontece? Em “O Serene II não corresponde à noção de Seminário Maior...” o que é um Seminário Maior? É um Seminário que acolhe os jovens que passaram pelo Seminário Propedêutico e agora dão continuidade a sua caminhada vocacional fazendo os cursos de Filosofia e Teologia.

No SD 3, evidencia-se o contra-ponto no jogo argumentativo: como os religiosos da TL não poderiam asseverar com todas as letras que os conservadores estavam mentindo a respeito de o Seminário não corresponder à noção Seminário Maior, então fizeram esse confronto de informações dizendo: “*Os seminários do Nordeste II, Serene II e ITER se dirigem hoje a mais de 500 jovens **que estudam nos cursos acadêmicos e outros cursos de formação cristã.***”. Percebe-se, então, que o grande problema não é o fato de os seminários enquadrarem-se ou não no padrão de Seminário Maior e, sim, a filosofia que subjaz a ele, que para os conservadores tem “*posição ideológica pró-marxismo; fazem críticas à hierarquia, ao celibato; e tem envolvimento político-partidário*” (Ata da reunião intitulada: ETAPAS DO DIÁLOGO ENTRE A SANTA SÉ E OS BISPOS DO REGIONAL NORDESTE II A RESPEITO DO SERENE II E DO ITER).

Na SD 4, o que se apreende pertence ao domínio da memória. Inscrevem-se no interdiscurso os efeitos de sentido aqui apresentados, é o já-dito que possibilita o dizer nessa sequência, na qual as palavras e expressões como: **diálogo, movimentações organizadas, modos de encontrar caminhos de diálogo DENTRO da igreja**, vinculam o discurso materializado, na revista Carta à Família, ao que está histórica e ideologicamente ligado à Teologia da Libertação. Todavia sem se desvincular da FD que o organiza. Nota-se isso, principalmente, quando se visualiza o advérbio de



lugar DENTRO. A igreja engajada quer continuar sendo igreja; quer permanecer DENTRO dela, mesmo que se contraponham à forma-sujeito da FD.

Como se percebe, para trilhar os caminhos propostos pela AD, é imprescindível que se revisitem conceitos fundamentais como o de Formação Discursiva, Condições de Produção a fim de que neles se situe a noção de sujeito que transita no discurso religioso. Assim como as possibilidades de diálogo entre a forma-sujeito do discurso e as diversas posições-sujeito que podem ser percebidas dentro de uma mesma FD. Muitos outros conceitos poderiam ter sido reivindicados nas nossas análises, o que faremos em outra breve oportunidade.

BIBLIOGRAFIA

COSTA, Elcias Ferreira da. *Dom José Cardoso Sobrinho: A Vitória da Fé*, Recife: Ed. Do Autor, 2099.

MONDIN, Batista. *As Teologias do nosso tempo*. São Paulo: Edições Paulinas. 1980.

PÊCHEUX, Michel. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, Campinas, SP: editora da Unicamp, 1990.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, 3ª edição, Campinas, SP: Pontes, 1997.

TUNDELLE, Cláudio. *Carta à Família*. Ano IX, nº 61, outubro de 1989. Conflito na Igreja de Recife, pag. 18.